CORREIO
NO MUNDO

REPRODUÇÃO/ X - @AFDFRAKTIONLSA

Extrema-direita deve ter primeiro governo estadual desde o nazismo

Alemanha elege presidente de Parlamento de extrema-direita

Tobias Rausch, político da AfD (Alternativa para a Alemanha), foi eleito na terça-feira (6), em Magdeburgo, presidente do Parlamento estadual em Saxônia-Anhalt. Um passo notável para a Alemanha contemporânea, descrito de maneira sucinta por uma oposicionista: Rausch é "o primeiro presidente parlamentar de extrema direita desde Hermann Göring".

Göring, braço direito de Adolf Hitler durante o regime nazista, foi usado como medida histórica por Heidi Reichinnek, líder do partido A Esquerda. Sua fala não mirava a AfD, mas a CDU (União Democrata-Cristã), legenda do primeiro-ministro, Friedrich Merz.

Em votação secreta, Rausch recebeu 48 votos, mais do que os 44 da soma da AfD (39) com a sigla nanica BSW (5). Os quatro votos extras, especula-se, vieram da bancada dos democratas-cristãos. Verdes, SPD e A Esquerda orientaram o voto contra, enquanto a CDU pregou a abstenção, manobra percebida como ambígua.

Assunto será discutido em Berlim

"Quando se tratou de elevar um extremista de direita ao cargo mais alto, 9 dos 15 deputados da União [CDU] decidiram conscientemente abrir caminho para ele, seja votando a favor ou se abstendo", declarou Reichinnek.

Matthias Miersch, líder do SPD, foi mais diplomático sobre a atitude do parceiro de coalizão federal, mas afirmou que o assunto certamente seria discutido em Berlim. "Trata-se da situação geral dos nossos partidos nessa conjuntura difícil."

JÖRG BRAUKMANN VIA WIKIMEDIA COMMONS

Ascensão da extrema-direita na Alemanha preocupa Europa

Chefe do Parlamento vê situação preocupante

Thorsten Frei, chefe do grupo parlamentar da CDU no Bundestag, o Parlamento Federal, afirmou que viu o episódio com preocupação, mas ponderou que creditar ao partido os quatro votos extras é "pura especulação". Horas depois, o enredo da novela piorou, quando Hans-Thomas Tillschneider, figura bem mais controversa da AfD, foi eleito vice-presidente da Casa com 44 votos. Desta vez, quem correu para dizer que não votou no deputado foi a BSW, um partido peculiar, que se diz de esquerda e conservador.

AfD obteve o apoio de 44% dos eleitores

As eleições regionais na Saxônia-Anhalt, um dos estados mais pobres da Alemanha, viraram notícia mundial no mês passado, quando a AfD obteve o apoio de 44% dos eleitores. Seu principal candidato, Ulrich Siegmund, que nesta terça apareceu no Parlamento tomando café em uma caneca com a inscrição "lágrimas da esquerda", deve ser eleito governador em dezembro.

II Guerra Mundial

Como nesta terça, sua confirmação terá como necessária referência o arco histórico com o nazismo. Será a primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial que a Alemanha terá um governo de extrema direita. "Não vou exercer esse cargo como presidente de um grupo parlamentar, mas sim como presidente do Parlamento da Saxônia-Anhalt", afirmou Rausch.

Tempos passados

"Os tempos de 'Brandmauer' deveriam ser coisa do passado", afirmou, referindo-se ao firewall, a prática de não negociar ou votar com a AfD que os partidos políticos adotam na Alemanha. É esse apelo de supostos tons democráticos que políticos da CDU local usam para justificar uma aproximação com a legenda populista.

Outras preocupações

Representantes da CDU se sentem encurralados por um governo Merz cada vez mais impopular e a adesão crescente dos eleitores à AfD com promessas populistas e reacionárias. Preocupações ideológicas e o peso do passado ficam cada vez mais de lado.

Por José Henrique Mariante (Folhapress)

Trump em baixa

O índice de aprovação do presidente Donald Trump permaneceu na mínima recorde de sua carreira política nos últimos dias, segundo novo levantamento Reuters/Ipsos concluída na segunda-feira (5).

A pesquisa, realizada ao longo de seis dias, mostra que 32% dos americanos aprovam a presidência de Donald Trump.

Eleitores hispânicos

É um percentual inalterado em relação a um levantamento Reuters/Ipsos de setembro, que apontou a avaliação do republicano no nível mais baixo de sua carreira política. Os eleitores hispânicos ajudaram a impulsionar Trump à vitória na disputa presidencial de 2024, quando conquistou quase metade dos votos desse grupo, ante cerca de um terço na eleição de 2020.

Apoio em queda livre

O apoio a Trump vindo deste grupo social diminuiu nos últimos meses para 24%, em meio ao aumento da inflação desencadeado pela decisão de entrar em guerra com o Irã. Hispânicos também são um grupo afetado pela política anti-imigração agressiva da Casa Branca, com retirada de políticas públicas para migrantes, além de detenções e deportações.

REPRODUÇÃO/EMMANUEL MACRON NO X

Presidente francês assistiu o lançamento em submarino na costa da Bretanha

França testa novo míssil nuclear após ameaças de Vladimir Putin

'Mensagem é alta e clara', disse Macron, que assistiu o lançamento no mar

Por **Igor Gielow (Folhapress)**

A França testou nesta terça-feira (6) seu novo míssil nuclear lançado de submarinos, o M51.3, naquilo que o presidente Emmanuel Macron chamou de "uma mensagem alta e clara para quem quiser ouvir" — no caso, a Rússia de Vladimir Putin. Na semana passada, o presidente russo e outras autoridades do país fizeram ameaças nucleares à Europa após o chanceler polonês sugerir que a aliança militar Otan deveria pressionar militarmente a Rússia no seu exclave europeu de Kaliningrado, no mar Báltico.

"Para ser livre, você precisa ser temido. E para ser temido, você precisa poderoso", disse Macron em completo modo Kim Jong-un, o ditador norte-coreano que propagandeia sua presença nos lançamentos de mísseis de seu país.

O francês assistiu ao disparo, que foi feito pelo submarino de propulsão nuclear Le Vigilant, a partir da fragata Auvergne, no Atlântico sobre a costa da Bretanha. O novo míssil entrou em operação em outubro do ano passado, e esse foi seu primeiro teste de verificação desarmado.

Segundo dados de apresentações do fabricante Ariane e da Marinha francesa, o M51.3 pode voar 10 mil km carregando até seis ogivas nucleares TNO-2, cada uma com talvez 150 quilotons, ou dez vezes a potência da bomba de Hiroshima. Os quatro submarinos estratégicos da França são o esteio de sua força nuclear, carregando estimadas 240 das 290 ogivas operacionais do país. As restantes estão em mísseis de cruzeiro lançados do ar por caças Rafale, e há ainda 80 bombas aposentadas, mas não desmontadas.

O arsenal é o quarto maior do mundo, atrás dos líderes incontestáveis Rússia e Estados Unidos e da ascendente China, que tem 620 ogivas segundo a referencial Federação dos Cientistas Americanos.

A França tomou para si a tarefa de enfrentar retoricamente a Rússia no campo nuclear, um movimento que coincide com a condição de fragilidade doméstica de Macron, que encerrará seu segundo e último mandato no próximo ano e vê rivais à direita e à esquerda em alta.

O país integra a Otan, mas tem controle separado de suas armas nucleares, que está sendo integrado ao do Reino Unido, o outro membro europeu do grupo que possui tal capacidade. "Juntos somos mais fortes", afirmou Macron, que gasta R$ 30 bilhões anuais para manter seus mísseis.